O VALOR RELATIVO DOS TESTES DE INTELIGÊNCIA

IRINÉA F. DE SÁ CARVALHO
Do Setor de Inteligência do I. S. O. P.

Inúmeros são os testes até agora criados para a avaliação da capacidade mental. Divergem entre si pelo próprio mecanismo, naturalmente; mas não poucos se distinguem de outros por se assentarem em diferentes noções do que seja inteligência, matéria sôbre a qual o presente estágio de nossos conhecimentos não permite afirmações absolutas.

Apregoadas como tais, há, sem dúvida, numerosas afirmações de uso bastante generalizado; mas resiste pouco a um exame crítico mais severo. Na realidade só do seguinte estamos seguros: a inteligência tem aspecto global e características específicas, subordinadas estas àquele.

Assim, a inteligência individual deve ser classificada de acôrdo com a capacidade que tenha o indivíduo para atingir um nível de compreensão determinado e padronizado de acôrdo com a população de que faz parte tal indivíduo.

Tècnicamente, a avaliação dessa capacidade vem sendo feita ou por meio de uma só prova, global, ou por diversas provas parciais, cada uma delas focalizando determinado setor; da síntese dos valores obtidos, tira-se a conclusão sôbre a capacidade de inteligência do indivíduo.

A aplicação dessa técnica levanta, no entanto, duas questões, a nosso ver fundamentais: a da interação da inteligência com o todo que é o indivíduo, e a da padronização. Para elas pretende chamar a atenção êste nosso estudo.

Inicialmente, notemos que a tendência geral tem sido estudar o indivíduo como um todo, fazendo-se sínteses parciais dos testes de personalidade, inteligência, interêsses, etc., para delas deduzir-se a síntese final, expressão do que seja o indivíduo.

Tal orientação cartesiana oferece, desde logo, o risco de uma interpretação associacionista do homem: "o homem como um todo" de maneira formal. Observemos aqui que a síntese só é real quando tomada no seu movimento criador; e que a análise e síntese não podem absolutamente ser feitas de *per si*, tratadas como dois fenômenos separados. E compreender-se-á, assim, que a forma (no caso, o resultado estatístico dos testes) só exprime a realidade enquanto é forma de um conteúdo — e o conteúdo determina

a forma: análise e síntese são, pois, aspectos inseparáveis de cada etapa do trabalho de pesquisa.

Exemplifiquemos, agora. Inúmeros são os casos de rotina na nossa seção de Inteligência do ISOP que poderíamos citar; como exemplo bastam, porém, os três que se seguem.

Caso A: *menina de 11 anos.* Não consegue concentrar-se, não estuda, é vadia.

Resultado dos testes:

Binet-Therman: idade mental = 9 anos, 1 mês (observação: fadiga mental).
Goodnough: idade mental = 6 anos
P. M. K. (aspecto de inteligência) = deficiente.

Pelas sínteses dos testes da inteligência, a síntese geral será, neste caso, de *capacidade de inteligência inferior.* Mas, analisando as condições de vida desta criança, vemos que não lhe têm sido dadas as condições necessárias a um desenvolvimento normal. Teòricamente, aceitamos que haja uma permanente interação entre o homem e o meio; o desenvolvimento fica, assim, subordinado às condições necessárias ao seu processo. Neste caso, a menina apresenta traços de personalidade que lhe incapacitam o desenvolvimento nas condições de existência que tem. Podemos, pois, concluir que a nossa síntese geral dos resultados obtidos, só pode afirmar *como está* a capacidade de inteligência do indivíduo e não *como é* ela.

Caso B: *jovem de 18 anos* — pretende o cargo de encarregado de material.

Teste Cubos de Kohs: idade mental = 8 anos.

Apesar do resultado numérico obtido, havia na atitude dêste rapaz muito mais vivacidade do que a demonstrada no teste. As condições de vida esclarecem bem o caso: o rapaz recém-chegara à cidade, emigrado do sertão que a sêca assolara. Aconselhou-se dar-se-lhe um prazo para adaptação, já no exercício do cargo. O resultado foi, conforme se previra, satisfatório: dentro do prazo, o jovem mostrou-se capaz, e capaz acima do nível médio.

Caso C: menina de 7 anos — dada como débil mental pela família.
Teste Binet-Therman = Q.I. 86

Êste caso deu tal resultado (86) justamente devido à grande assistência que tinha por parte da família; se nunca ativesse tido, seria classificada como imbecil neste mesmo teste.

De tudo isto concluímos ser profundamente formal a classificação da inteligência em função de frios dados estatísticos. Porque colocam o indivíduo na média ou acima ou abaixo da média, resultando a classificação da capacidade de inteligência de cálculos de desvios da média, de "tetronagem" ou de percentis — sem tomar em consideração as condições de vida do indivíduo — é mero formalismo.

Não pretendemos, evidentemente, destruir a classificação de "normal, médio, superior e débil" baseada no limite mínimo das questões a que a criança tem que ser capaz de responder segundo a sua idade cronológica. Mas queremos significar que essa orienta-

ção, perfeitamente acertada, só poderá ser justa se se levar em conta o histórico do indivíduo a fim de saber se a êle têm sido dadas as condições que, para o teste, consideramos normais.

Definições estritas são realmente necessárias, mas se as tornarmos estáticas criamos uma causa incessante de dificuldades e contradições. Exemplo disso é o caso de Levy Bruhl que opôs o pensamento primitivo, que chama de "pré-lógico", ao pensamento conceitual, que considera não só protótipo do pensamento moderno como na realidade o único pensamento capaz de atender ao conhecimento completo do mundo. A aceitarmos a rigidez dêsse conceito não haverá mais possibilidade de desenvolvimento da capacidade de inteligência humana; lògicamente, impõe-se aqui a conclusão absurda de que só a regressão seria possível.

A ambientação, como se pode ver pelos exemplos citados, é fator que não pode ser desprezado hoje em dia: o meio ambiente está em permanente transformação e cada vez mais se encurtam os prazos destas transformações. Acelera-se assim, também, o processo das fases evolutivas da criança na sua marcha para a vida adulta; um teste de escolaridade de há 15 anos atrás, aplicado hoje a crianças de centros urbanos, não pode absolutamente ter a mesma precisão na sua tabela de quocientes de inteligência.

Podemos, pois, afirmar que os testes envelhecem. Em verdade os prazos de validade de um teste tornam-se tanto mais curtos quanto mais se encurtam as fases do processo evolutivo do indivíduo e do ambiente. Em conseqüência, as crianças que hoje possuem individualmente o que o ambiente possui em civilização estão atingindo o plano superior dos testes, o que, se não tomarmos em consideração o fator ambiente, permitirá atribuir-se-lhes foros de genialidade, especialmente se nos são ligadas afetivamente.